

Paróquia Santa Maria Goretti – Pastoral da Catequese

Encontro de formação

19º Domingo do Tempo Comum 07-8-2016

Lc 12,32-48

Oração do dia

Deus eterno e todo-poderoso, a quem ousamos chamar de Pai, dai-nos cada vez mais um coração de filhos, para alcançarmos um dia a herança que prometestes.

Nos tempos em que o Evangelho de Lucas é escrito, havia grupos que esperavam a vinda de Cristo que, segundo eles, se daria em pouco tempo. Por isso, viviam em atitude de espera. No texto de hoje, Lucas ensina qual é a verdadeira espera, mostrando que ela não é um tempo vazio. Veremos que a melhor imagem aqui não é a do passageiro que, na rodoviária, espera o ônibus chegar, mas a da mulher que prepara tudo para a visita chegar. O tempo da espera é o tempo da salvação - já dada - em que a Igreja incansavelmente testemunha o seu Senhor diante do mundo e até os confins do mundo. A história, que sempre foi espaço da liberdade, se torna lugar da decisão, da conversão, da vigilância e da fidelidade à Palavra, que nos transforma à imagem do Filho. A vigilância do cristão não é uma busca no escuro, como a do cego que tudo apalpa, correndo o risco de encontrar o que não procura. Tendo em nossas mãos a lâmpada acesa, continuamos a sua missão entre os irmãos, iluminando o mundo com a luz do Senhor.

- Foi do agrado do Pai dar a vós o Reino: os discípulos estão no mundo como um pequeno rebanho, lutando para pregar um reino muito diferente do que viam no cotidiano. Mas não podem tornar-se inseguros por isso ou temer sua missão. São escolhidos de maneira especial, por isso contam com o apoio de Deus.

- Porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração: Para Lucas, o grande tesouro do homem não está nas posses. Aquilo que é mais precioso está guardado no coração: o serviço, a doação, a capacidade de amar. Por isso, o desapego dos bens materiais, dando para eles o valor transitório que devem ter, é uma garantia de eternidade.

- Cingir os rins e manter as lâmpadas acesas: a seção que está entre os vv. 35-48 tem um tema fundamental: a vinda escatológica de Cristo. Lucas vai apresentando a parte que cabe ao homem, sua preparação, marcada pela vigilância e pela espera. Por isso, os pede para ter os rins cingidos, que são sinais de prontidão para o trabalho (cf. v. 37; 17,8), pois servem para recolher e diminuir o tamanho da túnica. Também as lâmpadas acesas iluminam o caminho e exigem um olhar atento.

- Sede como homens que estão esperando seu senhor voltar de uma festa de casamento: Jesus usa um primeiro exemplo para ilustrar seu ensinamento, contando a história de um dono da casa que é convidado para uma festa, e reforçando que todos os servos deste homem devem estar vigilantes, esperando que ele regresse, para que a alegria de todos seja completa. Lucas traz um detalhe diferente de Mc 13,34-36 quanto a essa mesma parábola: em Marcos, só o porteiro deve esperar atentamente a chegada do dono da casa; na história contada em Lucas, ninguém pode se esquivar; todos devem manter sua atitude de espera! Aqueles que mantêm essa atitude são projetados para uma realidade muito além da

que podem esperar na terra, já que era inimaginável que os escravos fossem servidos pelo seu senhor. Mas esses servos fiéis podem esperar que, na vinda escatológica de Jesus, estarão à mesa com ele se estiverem continuamente em vigilância para sua chegada.

- O Filho do Homem vai chegar na hora em que menos esperardes: diante de muitos movimentos que se preparavam para uma volta imediata de Jesus, típicos do primeiro século cristão, Lucas ressalta que ninguém sabe o momento deste grande dia. Por isso, essa insistência no "de repente" de Cristo, transforma a atitude de espera em uma proposta de vida, que deve ser assumida por todo aquele que quer ser discípulo!

- Senhor, tu contas esta parábola para nós ou para todos? A pergunta de Pedro prepara todo o ensinamento seguinte de Jesus. Em primeiro momento, a atitude de espera é colocada em um tom bastante generalizante, falando de todos os servos. Contudo, a partir de agora, Jesus vai direcionar suas palavras a este grupo escolhido para implantar o Reino. Se o próprio Pai os escolheu para dar-lhes o Reino, então devem ter consciência da importância de sua eleição e do caminho para darem bom cumprimento a ela.

- Quem é o administrador fiel e prudente que o senhor vai colocar à frente do pessoal de sua casa? Jesus usa outro exemplo, falando dos critérios para ser escolhido como um administrador fiel da casa de um senhor. Não se trata mais de todos os servos, mas sim daquele que é responsável por alimentar os outros. Um cargo particular, que exige uma atitude particular.

- A quem muito foi dado, muito será pedido; a quem muito foi confiado, muito mais será exigido! Jesus mostra que a espera daqueles que são seus discípulos não pode ser passiva. É uma atitude que necessita de fidelidade às palavras do seu senhor, mesmo em sua ausência. Pertencer ao grupo de Jesus não se nota simplesmente por um título de discípulo. É mais, o discípulo é denunciado por sua vida de fidelidade e conversão. O papel de discípulo não é vitalício, porque é sustentado pelas boas obras que saem do coração daquele que conserva a palavra do Mestre a coloca em prática. Por isso, a salvação escatológica não é reservada àqueles que conservam o seu crachá de "discípulos"; seu julgamento será feito a partir da solidariedade que tiveram para com aqueles que lhes foram confiados!

Muitos dos termos do Evangelho de hoje têm sabor eucarístico (núpcias; o Senhor se cingirá; os fará recostar-se; servirá; omissão da primeira vigília, quando se celebrava a Eucaristia) e pascal (cinturas cingidas; vigilantes; passando). Nós somos os que esperamos a nova vinda de Cristo e nos tornamos o que esperamos. Quem espera a morte se torna filho da morte e dissemina morte por todo lugar. Já quem espera o Senhor Jesus tem em si a vida do Filho do Pai. O Evangelho de Lucas conhece três níveis escatológicos. O primeiro é passado: o mundo já terminou e o Reino de Deus veio com Jesus. O segundo é futuro: o Reino virá no fim do mundo, que, para cada um, se antecipa na morte pessoal. O terceiro é presente: o mundo chega ao seu fim e o Reino vem até nós quando o fiel vive a Eucaristia. A Eucaristia é fonte e cume de toda a vida cristã. Ela traz para o presente o passado e o futuro de Jesus. "Anunciamos, Senhor, a vossa morte, e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!" Ao vir a nós no mistério do pão e do vinho, o Senhor morto e ressuscitado torna-se nosso alimento para tornar-nos capazes de viver uma vida pascal na espera e na esperança da sua volta, em uma bonita atitude de serviço.

Paróquia Santa Maria Goretti – Pastoral da Catequese

Encontro de formação

20º Domingo do Tempo Comum 14-8-2016

Lc 12,49-53

Oração do dia

Ó Deus, que preparastes para quem vos ama bens que nossos olhos não podem ver, acendei em nossos corações a chama da caridade para que, amando-vos em tudo e acima de tudo, corramos ao encontro das vossas promessas, que superam todo desejo.

O capítulo 12 - já acenamos a isso - é uma catequese sobre o que significa "agora" ter fé na volta daquele que morreu, ressuscitou dentre os mortos e nos deu o seu Espírito. No último domingo, vimos o texto precedente, que falava da atitude de espera e fidelidade com as quais o discípulo deve encarar a volta escatológica de Cristo. No evangelho de hoje, somos trazidos novamente para o presente, mostrando o que a presença de Jesus já está desencadeando no mundo. Foi dado início em um momento em que não abre espaço para neutralidades. É preciso posicionar-se dentro ou fora da proposta do Reino de Deus.

- Eu vim para lançar fogo sobre a terra: dificilmente este fogo refere-se ao coração incendiado de amor ou força missionária, nem tampouco sobre um fogo que vem julgar todo o mundo como força de Deus, típico do Antigo Testamento (cf. Nm 11 ,1-3). A ideia é a de que Jesus não veio para propor uma paz conquistada pelo sangue, como a pax Augusta de Roma, nem tampouco uma paz pacata, em que ninguém se sente impulsionado a posicionar-se ou mudar de vida. A força de sua missão e ensinamento é a força de um fogo, que gera movimento!

- E como gostaria que já estivesse aceso! O mundo de Jesus estava acostumado a uma vida que não acolhia os valores do Reino, a um pecado institucionalizado que tomava a sociedade, à normalidade do mal que regia as relações sociais. O desejo vivo de Jesus era de que o homem fosse abalado para repensar seu caminho de vida, que toda a sociedade entrasse em uma crise, não como anúncio do fim, mas como oportunidade de reconstruir-se deste seus elementos mais profundos.

- Devo receber um batismo, e como estou ansioso até que isto se cumpra! O texto é misterioso e só pode ser lido em uma visão de conjunto do Evangelho de Lucas. Em Lucas, o ministério de Jesus compreende um batismo feito não só com água, mas também com fogo (Lc 3,16) e o evangelho de hoje mostra que o próprio Jesus passará por esse batismo. A maioria dos comentadores defende que a passagem se refere ao martírio de Jesus e anuncia a experiência de Pentecostes, como ensina o cap 12 de Lucas: o discípulo vive sob o julgamento de Deus, que o vacina contra toda hipocrisia (Lc 12,1-9); o julgamento se revela no mistério pascal de Jesus, que, dando-nos o Espírito, nos batiza no fogo do mesmo Espírito, depois que ele próprio foi mergulhado nas águas da morte (Lc 12,49-50); é a sua vinda escatológica, já realizada na cruz, que julga o mundo para o salvar (Lc 12,51-53); na Eucaristia, fazemos da sua vinda o centro da nossa vida. É ali que buscamos forças para o discernimento do mal (Lc 12,54-57) - interpessoal (Lc 12,58-59), social (Lc 13,1-3) e natural (Lc 13,4-5) - como apelo para mudar os critérios de vida, convertendo-nos do fermento dos fariseus ao fermento do Reino.

- Vós pensais que eu vim trazer a paz sobre a terra? Pelo contrário, eu vos digo, vim trazer divisão: este texto parece destoar do início do Evangelho de Lucas, que mostra Jesus trazendo paz à terra (Lc 2,14). Porém, Lucas vai mostrando em seu Evangelho que esta paz precisa ser melhor definida, já que o Messias será sinal de contradição e causa de ruína e reerguimento para muitos em Israel (Lc 2,34). A paz que Jesus veio nos trazer passa pela separação, pela escolha, pelo discernimento. Não é uma paz qualquer, que se possa comprar numa liquidação. Ela custou o caro preço da vida doada de Jesus (1 Cor 6,20; 7,23; Rm 3,24). Mas renova todas as coisas (2Cor 5,17; Ap 21,5). Essa divisão é a decisão que o seguimento de Jesus e o compromisso com o Reino exigem. É o preço da liberdade e da vida nova.

- Numa família de cinco pessoas, três ficarão divididas contra duas e duas contra três: esse forte exemplo é usado para desenhar um momento de choque entre as gerações, em que, no seio da própria família, os mais novos reagem contra os mais velhos, em uma hostilidade recíproca, mas que é característico de uma das dores que precedem a chegada do Messias. Nos textos apocalípticos judaicos, o tema da divisão familiar é bastante comum, identificado como um sinal dos tempos messiânicos. Por isso, essas palavras de Jesus sobre a família quase que repetem o texto de Mq 7,6, um grande anúncio da manifestação e julgamento divinos, mas que tem um final feliz, pois precede o tempo de restauração e do perdão de Deus aos homens.

O evangelho de hoje é marcado por palavras fortes e exemplos chocantes. Quer nos ensinar que a conversão envolve decisões drásticas na vida, que nem sempre serão fáceis. Lucas mostra que o tempo presente é o tempo da conversão e que a conversão é o verdadeiro discernimento. Tendo como referencial a conversão, os seres humanos se dividem em duas categorias: de um lado, os que se acham justos (podem ser religiosos, agnósticos ou ateus) e, por isso, não têm necessidade de salvação e não se convertem. Do outro lado estão os pobres pecadores, que sabem que sozinhos não podem chegar a lugar nenhum e, por isso, se convertem ao dom de Deus.

Paróquia Santa Maria Goretti – Pastoral da Catequese

Encontro de formação

21º ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA 21-8-2016

Lc 1,39-56

Oração do dia

Deus eterno e todo-poderoso, que elevastes à glória do céu em corpo e alma a imaculada Virgem Maria, Mãe do vosso Filho, dai-nos viver atentos às coisas do alto, a fim de participarmos de sua glória.

As duas mães grávidas vão se encontrar. No entanto, não é um encontro qualquer que Lucas quer relatar ... São dois ventres grávidos que se encontram; duas mães, dois meninos, Antigo e Novo Testamento, o humano e o divino se encontram ... O Magnificat (o cântico de Maria) é uma das páginas mais belas das Sagradas Escrituras. É o canto daquela que acreditou na Palavra do Senhor e foi chamada de bendita e bem-aventurada. Um canto que resume todo o Antigo Testamento e toda a história da salvação. É o canto dos pobres e de todos os que esperam a redenção de Deus. O conteúdo do Magnificat é um mosaico de textos tirados do Antigo Testamento, especialmente do cântico de Ana (1 Sm 2) e de diversos salmos. Como estrutura, em primeiro lugar aparece o que o Senhor fez a Maria (1,46-49), em seguida, às multidões humildes e exploradas (1,50-53) e, por fim, a Israel, servo do Senhor (1,54-55).

- **Maria partiu ...** : Maria parte de Nazaré em direção à Judeia. Ela partiu como fez Abraão, como farão os pastores ao ouvir o anúncio do anjo (2,16), assim como Jesus fará mais adiante (9,51) e depois a Igreja missionária, que irá até os confins da terra (At 1,8). Colocar-se em viagem é um traço importante na obra de Lucas.

- **Uma cidade da Judeia:** Embora não cite o nome da cidade, o local ainda hoje é conhecido como Ain Karem ("fonte generosa" ou "fonte do vinhedo"), distante cerca de 150 quilômetros de Nazaré. Lucas não informa nada sobre esta viagem. Maria teria vindo a pé? Quem a acompanhou? Quanto tempo levou? Há um silêncio e um mistério nesta viagem, somente se diz que ela partiu apressadamente.

- **Saudação de Maria:** Lucas novamente não diz as palavras da saudação de Maria, mas com certeza foi Shalom! Esta saudação de paz, harmonia e plenitude com que os judeus se saudavam (Lc 10,5). Lucas prefere relatar o efeito da saudação: o menino pulou de alegria dentro do ventre de Isabel e ela ficou cheia do Espírito.

- **Cheia do Espírito Santo:** Expressão própria de Lucas. As pessoas que são beneficiadas ficam cheias, repletas, plenas do Espírito Santo: João Batista (1,15); Zacarias (1,67); Simeão (2,26); o próprio Jesus (4,1). Lucas quer indicar que o Espírito será dado em abundância, como mais tarde em Pentecostes (At 2,4). O Espírito Santo vem do Pai, por meio de Jesus.

- **Bendita/bendito:** Cheia do Espírito Santo, Isabel começa a falar e então profetiza. Sua palavra é um grito de fé. Maria é saudada como bendita (o verbo hebraico barak significa bendizer), o mesmo é dito do menino que está em seu ventre.

- **Visitar:** Outro tema muito caro a Lucas é o verbo "visitar". Está no cântico de Zacarias (1,68.78) e é assim que o povo reconhece o milagre de Jesus em Naim: "Deus visitou o seu povo" (Lc 7,16). Jesus chorará sobre a cidade de Jerusalém que não o acolhe quando é "visitada" (19,41-44). Mesmo sem usar o verbo "visitar", Lucas fala de Jesus "entrando na casa" de pessoas como o fariseu (7,36), Zaqueu (19,5), etc.

- **Pulou de alegria**: A alegria é outro tema importante em Lucas (1,14.28.58; 2,1 O ...). Temos as três parábolas da alegria: (15,5.6.9.10.32). Em 10,21 Jesus "exulta de alegria" ao ver que os pobres acolhem a boa notícia do Reino.

- **Bem-aventurada**: Através de Isabel que profetiza, Maria torna-se bem-aventurada porque acreditou na Palavra do Senhor (1,38). Ela antecipou o que Jesus vai anunciar em 8,21 e 11,28: "Felizes os que ouvem a Palavra do Senhor e a observam".

- **A minha alma engrandece o Senhor**: Maria canta a alegria da sua alma, que reconhece a grandeza do Senhor e tudo que Ele fez por ela e por seu povo. Ela, generosamente, respondeu seu "sim" e agora alegremente canta ao seu Senhor!

- **Todas as gerações**: O cântico inicia com o tempo presente e, antes do recordar o passado, projeta-se para o futuro: todas as gerações a recordarão como bem-aventurada. Não porque ela quer se exaltar, mas justamente porque ela foi escolhida, acreditou e aceitou ser a mãe do Messias.

- **Grandes coisas**: Maria recorda as grandes coisas que o Senhor fez pelos pobres, humildes e que foram humilhados historicamente pelos projetos humanos dos poderosos. Por isso é que reconhece que Deus é o Onipotente e que seu Nome é Santo!

- **Sua misericórdia**: A força e a potência de Deus se caracterizam pelo modo como Ele age: com amor e misericórdia. É assim que Deus agiu salvando o seu povo no passado e agora vindo em socorro dos pobres e dos famintos.

- **Todos que o temem**: O temor do Senhor não é o medo, como tantas vezes erroneamente é interpretado. O termo vem dos escritos sapienciais e significa a piedade e o respeito que se tem diante de Deus. O temor do Senhor é princípio de sabedoria (Pr 1 ,7; 9,10; Eclo 1 ,14). É a atitude de respeito diante do Criador manifestada pelo povo simples que coloca em Deus a sua vida e sua esperança.

- **Ele já fez**: A recordação dos fatos passados, daquilo que o Senhor fez pelo seu povo, sempre foi uma prática do judaísmo. Fazer memória, recordar, não esquecer. Olhar para o passado era um consolo e, ao mesmo tempo, um motivo de esperança. O fato mais importante foi a libertação do povo da escravidão do Egito. Aquele que já fez, continuará realizando ações salvíficas em favor dos pequenos, contra os grandes e poderosos.

- **Israel, seu servo**: O título de servo é muito importante para a Bíblia. O povo deve servir ao Senhor ao ser libertado (Ex 3,12). Na Assembleia de Siquém o povo proclama: "nós serviremos o Senhor" (Js 24,24); os cantos do Servo Sofredor do II Isaías (Is 40-55) identificavam Israel como o servo do Senhor (Is 41 ,9; 42,1 ; 43,10; 44,1; etc.).

- **Abraão e sua descendência**: O cântico recorda um elemento importante na fé de Israel: as promessas que o Senhor havia feito aos nossos pais da fé. Estas promessas não falharam. O Senhor é aquele que promete e cumpre.

Com seu cântico, Maria nos ensina que devemos cantar as maravilhas que Deus fez e continua fazendo pelo seu povo. Deus continua visitando seu povo, escolhendo os pobres e excluídos para transmitir-lhes a boa notícia do Reino. O conteúdo do cântico nos ensina também a não esquecer a história, pois é olhando para o passado que temos a certeza que Deus continua salvando o seu povo e levando adiante a história da salvação. É fazendo memória que descobrimos que nosso Deus é misericordioso e nos ama. O Magnificat nos convida também a celebrar a vida cantando, recordando e seguindo em frente, servindo a Deus, como Maria. O Evangelho relata a beleza da visita e do encontro entre duas mães que celebram as maravilhas que Deus realiza em favor do seu povo. Maria foi chamada de bem-aventurada porque acreditou. Tudo isso nos desafia a fazermos o mesmo: crer na Palavra de Deus, sairmos de nosso comodismo e irmos visitar e encontrar nossos irmãos e irmãs levando a boa notícia de Jesus Cristo.

Paróquia Santa Maria Goretti – Pastoral da Catequese

Encontro de formação

22º Domingo do Tempo Comum 28-8-2016

Lc 14,1.7-14

Evangelho de hoje relata a refeição de Jesus na casa de um fariseu, num dia de sábado. Jesus aproveita a ocasião para ensinar. A primeira parte (Lc 14,7-11) é dirigida aos convidados, já na segunda parte (Lc 14,12-14) Jesus se dirige ao dono do banquete. Se aos convidados Jesus diz que devem escolher os últimos lugares, ao dono da casa ele ensina a escolher os últimos da sociedade. O motivo aparece na imediata sequência do Evangelho de hoje: é assim que Deus age! (Lc14,15-24).

- Jesus foi comer na casa de um dos chefes dos fariseus: As refeições eram também momentos de discussões e ensinamentos. É a terceira vez que Jesus foi tomar refeição na casa dos fariseus (Lc 7,36; 11,37; 14,1). Isso mostra um apreço de Jesus em relação a eles, embora essas refeições sempre terminam em conflitos.

- Jesus notou como os convidados escolhiam os primeiros lugares: Os demais convidados ao banquete deviam ser fariseus. Eles se esforçavam para ocupar os primeiros lugares. Assim como fazem na mesa, estes fariseus julgavam também serem eles os primeiros diante de Deus. Este comportamento dos fariseus é motivo para que Jesus conte a parábola (que só está no Evangelho de Lucas). A parábola fala da festa de casamento, com certeza Jesus quer indicar para as núpcias do Cordeiro, o banquete do Reino de Deus.

- Ocupe o último lugar: Jesus inverte a lógica do mundo. Parece loucura, mas esta é a lógica de Deus. Lucas já havia indicado isso no Magnificat de Maria: "Deus dispersa os orgulhos e derruba os poderosos dos seus tronos" (1,51-52). É assim que Deus age e é assim também o modo de agir de Jesus, como se pode ver na kênosis (FI 2,7), na encarnação, na manjedoura, na infância em Nazaré, no agir nas periferias e em favor dos menos favorecidos.

- Quem se eleva, será humilhado e quem se humilha, será elevado: Nota-se a inversão das lógicas mundanas onde as pessoas buscam "levar vantagem em tudo". É a lógica do capitalismo selvagem, daqueles que sobem pisando nos outros, deixando atrás de si as massas de excluídos. Outra é a lógica do nosso Deus: "Deus resiste aos soberbos, mas dá de graça aos humildes" (1 Pd 5,5). A Carta de Tiago nos ensina: "Humilhai-vos diante do Senhor e ele vos exaltará" (Tg 4,10). "É a lógica do serviço ensinada por Jesus, não a lógica do poder:" Entre vós não seja assim" (Mc 1 0,43).

- Não convides teus amigos e parentes: Convidar os amigos e parentes, sobretudo os mais abastados, demonstra um objetivo interesseiro, com segundas intenções. Agindo assim, espera-se já a retribuição, isto é, que estes convidados também em seguida repitam o convite.

- Convida os pobres, os aleijados, os coxos, os cegos: São quatro categorias de pessoas excluídas. Convidá-las para um banquete é dar-lhe uma oportunidade que a sociedade não dá. É valorizar as pessoas por aquilo que elas são e não pelo que elas têm. Deus escolheu os pobres e com eles se identificou. Deus escolheu os pobres para serem ricos na fé e herdeiros do Reino (Tg2,5).

- Tu receberás a recompensa na ressurreição dos justos: Convidar os excluídos é uma atitude gratuita, generosa ... Estes nunca poderão retribuir, portanto, quem assim procede fica com crédito, não diante destas pessoas mas diante de Deus, como lembra o provérbio: "Quem dá aos pobres, empresta ao Senhor e ele dará a sua recompensa" (Pr 19,17). Por isso eles, acertadamente, repetem quando são ajudados: "Deus lhe pague!".

Jesus mostra o espírito novo que devem ter os seus discípulos, tão diferente daqueles que escolhem os primeiros lugares no banquete da vida. Ao fermento dos fariseus Jesus contrapõe o fermento do Reino. Não são normas de civilidade ou táticas mais ou menos inteligentes: é a revelação do julgamento de Deus, cujos critérios são muito diferentes dos nossos. Jesus deu o exemplo: Ele escolheu o último lugar, fez-se servo de todos e humilhou-se até o ponto de ser lançado debaixo da terra. Somos chamados a fazer o mesmo, se quisermos ser seus amigos e ser reconhecidos como tais (14,10). Somos convidados a ocupar o último lugar, que é o lugar do Filho. O Filho não teme ocupar o último lugar, pois sabe Que ocupa o primeiro no coração do Pai! É por isso Que o Pai ama os últimos e nós também devemos amá-los (Lc 14,12-14). Na verdade, só eles participam do banquete do Reino (14,15-24), aquele Que a Misericórdia prepara para o Filho perdido que voltou à casa do Pai (Lc 15).

Paróquia Santa Maria Goretti – Pastoral da Catequese

Encontro de formação

23° Domingo do Tempo Comum 04-9-2016

Lc 14,25-33

Oração do dia

Ó Deus, Pai de bondade, que nos redimistes e adotastes como filhos e filhas, concedeis aos que creem no Cristo a verdadeira liberdade e a herança eterna.

O capítulo 14 de Lucas apresenta os pobres e aqueles que ocupam os últimos lugares (Lc 14,7 -14) como os convidados privilegiados ao banquete do Senhor (Lc 14,15-24). O Evangelho de hoje apresenta diante de nós uma grande balança. De um lado, colocamos o amor que temos por nossas seguranças terrenas e o quanto dependemos dessas nossas riquezas. No outro prato, está o amor que temos por Jesus e pelo projeto do Reino de Deus. Quem ama mais sua vida terrena e não deixou tudo por amor a Deus ainda não alcançou a pobreza evangélica e, como o próprio evangelho repete por três vezes, não pode ser seu discípulo!

- Se alguém vem a mim: O Evangelho é aberto com uma frase condicional. Este "se" inicial dá o tom que Lucas vai seguir em todo o final do capítulo 14: são exigências para que alguém seja um discípulo, que não podem ser opcionalmente retiradas da definição do discipulado. A passagem anterior mostrava que o banquete dado por Deus é oferecido a todos, indistintamente (Lc 14,15-24), mas que nem todos estão dispostos a ir comê-la. Portanto, o que é necessário para sensibilizar o coração do discípulo e lançá-lo à mesa do Pai?

- Mas não se desapega de seu pai e sua mãe ... : A primeira grande exigência refere-se aos laços mais íntimos do homem. Trata de todas as relações humanas que ajudaram a construir sua identidade, a começar pelo pai e mãe, mas passando por aqueles vínculos construídos pela própria pessoa: a mulher e os filhos.

- e até da própria vida: Em última instância, chega-se à relação consigo mesmo, porque também é preciso renunciar à própria vida para seguir a Jesus. Essas palavras lembram a dedicação sem reservas que o grupo dos levitas oferecia para servir à Palavra de Deus e à aliança (cf. Dt 33,8-11). Naturalmente, a afirmação não pode ser tomada em sentido literal para os leigos. Mas a ideia é que, no núcleo mais profundo do coração do homem, o que deve ser fonte de sentido e vida é Deus, que gera as outras relações que o homem constrói. Em última instância, Deus é a relação que deve ser buscada em primeiro lugar!

- Quem não carrega sua cruz e não caminha atrás de mim: Quando se caminha atrás de alguém, fica fácil ver o que o outro faz para, assim, poder imitá-lo. Por isso, o discípulo sequer é chamado a caminhar ao lado do Mestre. Ele precisa perceber onde está o caminho a trilhar, quais foram as pegadas que seu Senhor deixou, para poder viver um verdadeiro seguimento. Na perseguição que marca o momento em que o Evangelho de Lucas foi escrito, era fundamental ter sempre na lembrança que a vida de Jesus não

foi marcada pelo triunfalismo, mas experimentou as mesmas dores e perseguições. Só assim seria possível encontrar sentido para as dores que o discípulo experimentava por consequência de sua opção cristã.

- O exemplo da torre e da guerra: Jesus dá dois exemplos que fazem os ouvintes pensar na preparação necessária para um empreendimento. Ao construir uma torre, é necessário antes certificar-se de ter tudo o que precisa para fazê-lo. Ao ir para uma guerra, é preciso comparar seu exército com o inimigo para confirmar a viabilidade da vitória ou elaborar um plano alternativo. Com isso, Jesus quer mostrar que a proposta do reino não pode ser admitida com um "sim" da boca para fora, mas que deve ser um processo muito mais profundo, que envolve olhar para dentro de si, para nossas possibilidades e desejos, sonhos e realidades. Só assim, será possível perceber se, de fato, vale a pena entregar-se para o Reino e se o coração alcançou um amor por Jesus e seu projeto forte o suficiente que o leve a chamar-se de "discípulo".

- Se não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo! Jesus oferece um dom totalmente gratuito para o homem, mas acolher tudo isso não depende de Deus. É uma ação da liberdade do homem, que pode acolher a graça ou encolher-se na sua recusa. Jesus pede uma pobreza motivada pelo amor a ele e, nele, ao Pai. A pobreza de Jesus toca todos os níveis do nosso ser. Aliás, é a única virtude que, quanto mais material, tanto mais é espiritual. Implica privação e humilhação, mas é escolha necessária e cordial para o discípulo que se dispõe a tudo perder para não perder o Senhor.

O evangelho de hoje é o coração da catequese lucana sobre o discipulado. Quem poderá atingir uma intimidade tão grande com o Senhor que todos os afetos terrenos são reassumidos no amor ao Senhor, que se torna para ele pai, mãe, irmão, irmã, mulher, marido? Quem pode tomar a decisão de abandonar tudo para abraçar o Reino? a terceiro evangelista quer que tomemos consciência da nossa dificuldade para assumir a pobreza evangélica como opção de vida, especialmente diante de nossas dificuldades para aprender a esperar no Senhor, a depender dele, não como uma passividade vazia, mas a partir de uma íntima relação de amor e confiança que se constrói com Jesus, tornando-nos verdadeiros humildes e pobres.